

AUTOR DO TEXTO



Alaerte Menuzzo

Professor de História e
Diretor da Pró-Memória

Vicente Gilberto de Vasconcellos

★ 1935 ✦ 2023

Vicente Gilberto de Vasconcellos é um dos netos de Manoel de Vasconcellos, o Manéco. Foi um dos maiores agropecuaristas de nosso município. Ele faleceu no dia 6/1/2023. Casado com Cecília Cia de Vasconcellos, foi pai de 4 filhos: Silvia Helena de Vasconcellos, José de Vasconcellos Neto, Vicente Gilberto de Vasconcellos Júnior e Júlio César de Vasconcellos. Em sua homenagem, reproduzimos uma matéria publicada neste jornal em agosto de 2016, resultado de uma entrevista que concedeu à Associação Pró-Memória de Sumaré.



Vicente Gilberto de Vasconcellos com a esposa Cecília

Vicente Gilberto de Vasconcellos é um dos netos de Manoel de Vasconcellos, o “Maneco”, uma das maiores lideranças políticas da velha Rebouças. Esse verdadeiro “cacique” participava ativamente das disputas políticas que ocorriam no Estado, apoiando um ou outro candidato, sempre com o interesse de conseguir benefícios para o então Distrito de Rebouças, que pertencia a Campinas.

Manéco teve a satisfação de ver duas importantes figuras políticas da comunidade saírem de sua família: o genro José Maria Matosinho e o neto Manoel Affonso de Vasconcellos. Com o correr dos anos eles se transformaram em duas lideranças políticas e figuram hoje na galeria dos maiores oradores de Sumaré.

Manoel Affonso de Vasconcellos, o “Maíto”, é irmão de Vicente Gilberto de Vasconcellos. Os dois, mais a irmã Maria Sônia do Rosário de Vasconcellos são filhos do casal José de Vasconcellos e Maria da Conceição Martins de Vasconcellos.

Gilberto, como é conhecido na comunidade, nasceu em Sumaré, numa casa da Praça da República, pertencente à família. Na verdade, o pai morava no sítio Paraízo, de sua propriedade. Com os filhos pequenos, o pai centrou na casa da Praça sua residência definitiva, encaminhando-os para a escola.

Gilberto estudou no antigo Grupo Escolar de Rebouças. No seu tempo, o diretor era Francisco Álvares, um senhor baixinho e gordo, muito bravo. Costumava, como castigo, pisar no pé das crianças, que em sua grande maioria viviam descalças. Entre seus professores lembra-se da professora Ida Vitale e do professor Plínio Machado.

Plínio, que mais tarde viria a ser diretor do Grupo, era um professor extremamente severo. Castigava frequentemente os alunos com uma régua, às vezes com alguma violência. Lembra-se de dois casos curiosos sobre o uso desse objeto. Num primeiro caso, acabou machucando um aluno, chamado Hélio, que se queixou da violência ao pai. Este foi procurar o professor na escola, para tirar satisfação e, se fosse o caso, retribuir a agressão. Gilberto se lembra de que o tal cidadão ficou o dia todo na escola, esperando uma oportunidade para “pegar” o professor.

Noutra oportunidade, Plínio deu uma reguada em um aluno de cor. Este não reagiu nem acusou o golpe. O professor repetiu o castigo, mas desta vez o aluno, que já era grandão, olhou-o com um tom ameaçador. Plínio então recuou e voltou à aula, como se nada tivesse acontecido.

A mãe de Gilberto era aparentada com José de Oliveira Matosinho, pai do José Maria. Este tinha dois irmãos: Paulo Matosinho e Maria Aparecida Matosinho. Pouca gente se lembra dessa irmã, que morreu muito jovem, aparentemente de uma doença no pulmão. Era noiva do Júlio Chebabi.

Ainda falando do Grupo Escolar, Gilberto se lembra dos seus funcionários: Josias Pereira de Souza, José Maria Barroca e Romilda Ghirardello.

Sobre essa mulher, Gilberto se recorda de um acontecimento quase trágico de sua vida: numa aposta de corrida de cavalo, no Horto Florestal, feita com Mário Sérgio Azevedo, caiu e ficou desacordado. O pai foi buscá-lo às pressas e entregou-o aos cuidados do Doutor Honorino Fabbri, que recomendou sua internação em Campinas. Ficou lá mais de um mês, em tratamento, na casa do tio Anwar Bufarah. Ficou com a cabeça raspada e uma sequela – desmaiava regularmente durante as aulas. Quem tinha o cuidado de ampará-lo nessas ocasiões era a dona Romilda, que o levava para casa. Felizmente, depois de algum tempo, a sequela desapareceu. Seus colegas no Grupo, que se recorda, eram o Hélio Guimarães e o Isidoro Basso.

Depois das aulas vinha a diversão pela cidade, que nessa época eram realizadas principalmente na quadra de frente à escola e sua casa. Lá tinha jogo de bastão com bolinha, roda pião, papagaio, fubeca (bolinhas de gude).

EM CAMPINAS

Depois de sair do grupo, o pai José resolveu que Gilberto deveria frequentar uma escola em Campinas. Depois de fazer um curso e passar pelo exame de admissão, foi estudar no Colégio Ateneu Paulista, como interno. Vinha para casa nos finais de semana. Foi lá que descobriu que não tinha nenhuma aptidão para o estudo. De tanto reclamar para o pai, este mudou o regime para semi-interno: ia de trem para Campinas às 7 horas da manhã e voltava à tarde. Mesmo assim, sua vida escolar continuou deficiente – repetiu o 2º. ano, depois de matar muitas aulas – ficava no Largo da Igreja do Carmo o dia todo.

Nessa altura o irmão Maíto também estudava com ele. Lembra-se de um episódio interessante: tinha um professor, que era professor da Igreja Presbiteriana, que não gostava dele e nem do irmão. Num determinado dia, depois de algumas broncas, ele ameaçou castigar fisicamente o irmão, que revidou, dando-lhe um chute nas canelas.

Esse e outros fatos mostraram ao pai que nenhum dos dois tinha vocação para estudar no Ginásio. Mesmo assim repetia sempre uma frase que os desconsojava:

- Vocês vão ficar na escola até ficar de barba branca...

Não obstante essa frase, o pai acabou tirando-os da escola com o compromisso de que trabalhassem. Gilberto foi trabalhar com o pai, na agropecuária. Um dos primeiros serviços foi tirar leite numa cocheira, onde hoje é a Rua Dom Barreto, defronte à Escola Alkmin.

Por seu turno, Maíto foi trabalhar na Camisaria Modelo, em Campinas, com o Lázaro Milan, o “Lazico”. O destino acabaria mudando a vida do irmão: defronte da Camisaria tinha a Relojoaria Chinelato e uma moça bonita, filha do dono, chamada Elifas ou “Lifinha”. Foi uma paixão à primeira vista. Só que ela exigia, como compromisso do namoro, que o Maíto estudasse. Então deu no que deu: Maíto acabaria se formando em Direito e casando-se com a namorada.

Depois da cocheira, Gilberto foi trabalhar num açougue em Americana, do Geraldo Moacir Bordon, que tinha se casado com uma prima (Enid de Vasconcellos). Como ampliação dos seus negócios, Geraldo acabaria montando o Frigorífico Sumaré em nossa cidade, em sociedade com Armando de Vasconcellos, Eduardo de Vasconcellos (Nino) e seu pai. Esse estabelecimento, que depois

fechou, seria o início da vida empresarial de Geraldo, que seria o mentor do grande Frigorífico Bordon.

Paralelamente ao trabalho, Gilberto fez o Tiro de Guerra em Americana. Nos finais de semana se divertia no clube Aliança e nas festinhas de sítios de Sumaré. Na verdade, já frequentava esses baixinhos com 12 anos de idade, junto com o tio Armando. Um outro companheiro de diversões era o Clodinho (Clodoaldo Gomes Barroca).

Desses bailes de roça lembra-se de um episódio hilário: comprou um sapato “incrementado” do Chediak, que tinha um bar na Rua 7 de Setembro. Era um calçado muito bonito, vistoso, admirado pelo sexo feminino. Na noite de estreia, durante o tradicional leilão de uma prenda, o tio arrematou um pato assado. Era um cozido muito gorduroso, que por infelicidade caiu no seu sapato. O resultado foi que o calçado ficou imprestável – só foi usado nessa noite.

Nessas festinhas o tio Armando arrematava todas prendas oferecidas, que davam direito do cidadão dançar uma valsa especial, com qualquer moça que estivesse no baile. O dinheiro vinha do bolso do tio Armando, mas era o Gilberto quem fazia os lances. Ele se lembra que eram frequentes as brigas nessas noites. O sanfoneiro era o primeiro visado – quando acabava a música, acabava a festa. Além do sanfoneiro, o lampião que iluminava o ambiente era invariavelmente destruído.

Além do Aliança e dos bailes nos sítios, Gilberto também ia regularmente para Americana nos finais de semana, onde tinha namoradinhas nos bailes do Rio Branco. Seus companheiros de diversão naquela cidade eram Carlos Dedona (Carlito), Orlando Fabbri e Antonio do Valle (Tonão).

† Falecimentos †

DE 02 A 11 DE JANEIRO DE 2023

DIA 02 DE JANEIRO DE 2023

Antônio Teodoro, 81 anos
Agageane Rogério Nunes, 51 anos
Gael Kennedy Monteiro Menezes, 03 meses

DIA 03 DE JANEIRO DE 2023

Sirlene Fonseca, 48 anos

DIA 04 DE JANEIRO DE 2023

Benedito José Ferreira, 76 anos
Dario Batista de Souza, 92 anos

DIA 05 DE JANEIRO DE 2023

Alvino Francisco Pereira, 76 anos
Benedita Aparecida Elias, 56 anos
Daniel Delis Alvares, 00 Ano
João Marcos Grecco Barsotti, 05 anos
Pedro Martins de Souza, 77 anos

DIA 06 DE JANEIRO DE 2023

Ricardo Tadeu C. Ferreira
Penteado, 63 anos



Mauri Pereira dos
Santos, 50 anos

DIA 07 DE JANEIRO DE 2023

Erik Pires Sanches, 41 anos

Vicente Gilberto de
Vasconcellos, 91 anos



Domingos Luiz Andrade, 76 anos

DIA 08 DE JANEIRO DE 2023

Sidney Foffano, 94 anos



Sabrina Martins Coltinho, 34 anos
João de Fávero, 76 anos



Oswaldo Fuzel, 88 anos

Gilmar Francisco Cardoso, 57 anos

DIA 09 DE JANEIRO DE 2023

Maria de Lourdes Maciel, 65 anos

DIA 10 DE JANEIRO DE 2023

Neuza Gentini de Araújo, 77 anos
Paschoal Antônio Gasparetto, 82 anos
Celcino de Souza Santos, 78 anos

DIA 11 DE JANEIRO DE 2023

Benedito Ferreira de Almeida, 85 anos

Colaboração: Cemitério da Saudade de Sumaré

ALLIANÇA

Gilberto frequentava o Clube Recreativo e Esportivo Aliança, cuja sede ficava a alguns metros de sua casa, na Rua Antonio Jorge Chebabi. Não se lembra de muita coisa do Paulista, que era rival do Aliança. As pessoas mais antigas falavam em turma de cima (Paulista) e turma de baixo (Aliança), mas na sua juventude isso parecia ser coisa do passado.

No Aliança tinham os bailes tradicionais, mesa de bilhar, mesa de ping-pong, carreado, cinema... acreditem! Tinha uma rinha de galo. Os filmes do cinema do Aliança aconteciam nos finais de semana e de vez em quando numa matinê para as crianças. O ping-pong, que era o segundo esporte da cidade era praticado por muitos associados, que disputavam campeonatos regionais. Os “cobras” da bolinha branca eram Mário França, José Miranda e José Maria Matosinho.

Mas o futebol reinava sobre toda a comunidade, que lotava o campo do Aliança, nos domingos. Gilberto ia lá, como toda a cidade, assistir os jogos. Havia muita rivalidade contra os times de Nova Venéza, Nova Odessa (Progresso) e o Valinhense. Viu muitas brigas entre torcedores dessas cidades. Um dos mais fanáticos torcedores de Sumaré era o Abílio Ferreira Quental, que ia sempre armado de um guarda-chuva...

Fora dos clubes, outra diversão dos moradores de nossa cidade era a corrida de cavalos – corridas de linha reta, como era chamada. Tinha diversas raças naquela época: próxima da estrada do Sítio São João, outra nas proximidades da atual Avenida Fuad Assef Maluf e outra no Bairro da Taquara Branca. Nessas corridas apostava-se alto. Os maiores apostadores eram seu avô, Manoel de Vasconcellos, e a família Gazetta, de Nova Odessa. Gilberto não montava, mas gostava do ambiente de corridas. Seu irmão Maíto chegou a disputar algumas corridas, como jóquei. Foi tão importante esse movimento na cidade que se chegou, na época, a se cogitar de instalar aqui um Jóquei Clube de Sumaré. Nessa fase, Gilberto chegou a comprar alguns animais, que eram tratados e cuidados pelo tio Júlio. Uma lei federal acabaria proibindo as corridas de linha reta e o sonho do tal Jóquei Clube.